

HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA NO CONCELHO

A investigação arqueológica no concelho de Mora inicia-se, basicamente, na segunda década do séc. XX, com os trabalhos de Vergílio Correia (Correia, 1921).

Anteriormente, temos alguns trabalhos, avulsos, de inventários de sítios e/ou de escavações sem um projecto de investigação definido.

Os primeiros documentos históricos conhecidos, para esta área, remontam ao séc. XIII, num documento em que se referencia o topónimo de “Cabeça de Mora” (Lopes, 2007: 18-19). Do séc. XVI, temos ainda alguns documentos relativos ao povoamento do Alentejo que, para o caso de Mora e seu termo, nos indicam a existência de apenas 70 habitantes (Idem: 27).

As primeiras referências, arqueológicas, conhecidas, remontam ao séc. XVII, altura em que Manuel Severim de Faria alude à anta capela de S. Dinis. Mas é através dos trabalhos de recolha de Leite de Vasconcelos que nos chegam mais referências a este concelho, centrando-se essencialmente nos testemunhos mais perceptíveis na paisagem, os monumentos megalíticos.

Assim, para além dos seus próprios trabalhos, Leite de Vasconcelos, através do Archeólogo Português, refere-se a outros investigadores, como Pereira da Costa, que terá, nos finais do séc. XIX, organizado uma colecção de materiais arqueológicos entre os quais alguns de uma anta, não especificada, de Pavia (Vasconcelos, 1914: 377).

Na realidade, este período corresponde, no Alentejo, a uma intensa actividade em torno da escavação de monumentos megalíticos, por parte de investigadores como Leite de Vasconcelos, Emile Cartailhac, Nery Delgado, Carlos Ribeiro, entre outros. Muitas destas intervenções, avulsas, sem um objectivo científico estabelecido, ficaram por publicar.

Nesse sentido, o trabalho que Vergílio Correia desenvolveu na área de Pavia, entre 1914 e 1918 foi, em muitos aspectos, inovador. Circunscreveu-se a uma área, a um período cronológico, identificou e registou monumentos megalíticos funerários, povoados e santuários. Para além do considerável número de escavações realizadas em monumentos megalíticos funerários, mas também em alguns povoados, como o Castelo de Pavia, teve ainda o mérito de as publicar (Correia, 1921). Por outro lado, o facto de se ter incompatibilizado com Leite de Vasconcelos, que o impediu de publicar os seus resultados em Portugal, levou-o a publicar em Espanha, tornando esta região conhecida, desde muito cedo, a nível internacional.

Na década de trinta, do séc. XX, Manuel Heleno, enquanto Director do Museu Etnológico e Professor na Faculdade de Letras de Lisboa, recuperou, de certa forma, o projecto de V. Correia, alargando a sua área de investigação a outros concelhos. Na realidade, do concelho de Mora, apenas incluiu parte da freguesia de Brotas, intervencionando um conjunto de monumentos inéditos das Herdades de Santa Cruz, Besteiros, Cabeceira,



Anta-Capela de S. Dinis (Pavia).

Olheiros, Barros de Grou e Carvalho e reescavando alguns dos monumentos de V. Correia, na Herdade de Brissos e Águias, num total de 38 sítios.

Mas, ao contrário de V. Correia, os seus trabalhos ficaram por publicar durante cerca de 65 anos.

Em meados do séc. XX, o casal alemão Georg e Vera Leisner procederam a um trabalho bastante sistemático de inventário de monumentos megalíticos (Leisner e Leisner, 1956, 1959), incluindo a compilação de dados (plantas e desenhos de materiais arqueológicos) de intervenções realizadas por outros investigadores, nomeadamente V. Correia e M. Heleno. Infelizmente, este trabalho, por ter se encontrar em alemão, não é de fácil acessibilidade.

Ainda nesta altura, Irisalva Moita, antiga aluna de

Manuel Heleno, procede a algumas intervenções na Herdade da Moita (Mora) e na Herdade da Têra (Pavia), tendo publicado os resultados destas intervenções (Moita, 1956).

Nas décadas subsequentes, a investigação arqueológica neste concelho ficou parada. É somente, a partir da última década do séc. XX, com os projectos desenvolvidos, pelos signatários, neste concelho que se voltam a iniciar os trabalhos de índole arqueológico nesta área. Esta investigação permitiu, por um lado, rever os dados antigos (Rocha, 1999 e 2005; Calado, 2004b) e, por outro, proceder a novos trabalhos de escavação (Rocha, 2000a, 2000b, 2003a, 2003b; Rocha et al, 2005, Calado, 2004) e prospecção arqueológica que vieram contribuir para um melhor conhecimento da evolução do povoamento, desta área, desde a pré-história (Rocha e Calado, 2006).